

A INFLUÊNCIA DAS ESTRUTURAS SOCIAIS E SUAS REVERBERAÇÕES NO FENÔMENO DO SUICÍDIO

SIMÃO, Ediane Lichinski¹ - Campo Real
psi-edianesimao@camporeal.edu.br
LIMA, Guilherme Almeida de² - Campo Real
psi-guilhermelima@camporeal.edu.br

RESUMO

Este estudo aprofunda a análise da complexa interação entre as estruturas sociais e o fenômeno do suicídio. O objetivo primordial é penetrar nas camadas subjacentes para compreender como essas estruturas transcendem a subjetividade dos indivíduos, moldando as trajetórias emocionais que podem levar a autodestruição. Ao investigar o cenário, exploram-se não apenas os fatores psicológicos, culturais e ideológicos que influenciam o surgimento da depressão e subsequentemente dos casos de suicídio, mas também a convergência entre a psicanálise e a sociologia na compreensão desse fenômeno. As fundamentações teóricas que sustentam esta pesquisa ganham uma dimensão ainda mais vital ao incorporar as perspectivas de diversos estudiosos. No âmbito da psicanálise, Sigmund Freud e Jacques Lacan, juntamente com outras notáveis vozes da sociologia, como Émile Durkheim, Karl Marx, Boaventura de Sousa Santos, entre outros, oferecem suas contribuições para uma reflexão de que fatores sociais, políticos e culturais podem impulsionar o desejo de morte. Utilizando uma abordagem qualitativa-descritiva, esta pesquisa realiza uma análise detalhada de materiais bibliográficos selecionados criteriosamente. Através dessa exploração minuciosa, nosso objetivo é não apenas disseminar o conhecimento já existente, mas também estabelecer uma base sólida para uma compreensão mais completa dos fenômenos sociais associados ao suicídio.

Palavras-chave: Normas Sociais. Subjetividade. Saúde Mental. Suicídio.

¹ Centro Universitário Campo Real psi-edianesimao@camporeal.edu.br

² Professor Orientador. Psicólogo pelo Centro Universitário Campo Real. Pedagogo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). prof_guilhermelima@camporeal.edu.br

THE INFLUENCE OF SOCIAL STRUCTURES AND THEIR REVERBERATIONS ON THE PHENOMENON OF SUICIDE.

ABSTRACT

This study takes a deeper look at the complex interaction between social structures and the phenomenon of suicide. The primary objective is to penetrate the underlying layers to understand how these structures transcend the subjectivity of individuals, shaping the emotional trajectories that can lead to self-destruction. In investigating the scenario, we explore not only the psychological, cultural and ideological factors that influence the emergence of depression and, subsequently, cases of suicide, but also the convergence between psychoanalysis and sociology in understanding this phenomenon. The theoretical foundations underpinning this research take on an even more vital dimension by incorporating the perspectives of various scholars. In this context, Freud, Lacan and Durkheim, along with other notable voices such as Karl Marx and Boaventura de Sousa Santos, among others, offer their contributions to a reflection on which social, political and cultural factors can drive the desire for death. Using a qualitative-descriptive approach, this research carries out a detailed analysis of carefully selected bibliographic materials. Through this thorough exploration, our aim is not only to disseminate existing knowledge, but also to establish a solid basis for a more complete understanding of the social phenomena associated with suicide.

Keywords: Social norms. Subjectivity. Mental Health. Suicide.

1. INTRODUÇÃO

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. (Karl Marx)

A saúde mental e a conscientização sobre o suicídio são temas que ganharam espaço através de diversas campanhas, principalmente durante o mês de setembro, quando tais iniciativas são amplamente divulgadas pelos meios de comunicação, alcançando uma magnitude significativa. É importante ressaltar que o Sistema Único de Saúde (SUS) oferece atendimento psíquico ao longo de todo o ano através dos serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), porém, a pesquisa aborda uma gama complexa de características que exigem atenção integral no âmbito da prevenção do suicídio, transcendendo a limitação temporal de um único mês. Isso implica uma revisão das políticas públicas, educação adequada, acesso a recursos de saúde mental e a construção de uma cultura que promova a compreensão e o acolhimento das questões ligadas à saúde mental ao longo do ano.

Embora o ato suicida e suas motivações sejam interpretadas como intrínsecas ao indivíduo, é essencial considerar que a sociedade também desempenha um papel crucial nesse cenário complexo, ainda que, possa parecer que a sociedade não exerce influência sobre esse ato, ou que não possui o poder de prevenir tais fenômenos, é imperativo reconhecer que cada interação, cada norma social, cada construção cultural contribui para a moldagem da experiência humana. Existe uma série de fatores que conecta a depressão ao suicídio e muitas vezes não são observados como uma patologia: isolamento emocional, as pressões sociais, a insegurança econômica, necessidade de pertencimento, pressões familiares e o estigma que muitas vezes envolvem a busca por ajuda, todos esses elementos podem contribuir para agravar a depressão, conduzindo um ciclo perigoso que, em última instância, pode culminar em pensamentos autodestrutivos.

Este estudo propõe uma abordagem interdisciplinar que combina elementos da psicologia, especialmente a psicanálise juntamente com a sociologia para melhor compreender as influências das estruturas sociais no fenômeno do suicídio.

Apoiando a pesquisa em autores como Sigmund Freud, Jacques Lacan, Karl Marx, Emilie Durkheim, entre outros, examinaremos como as estruturas sociais permeiam a subjetividade dos indivíduos, explorando a relação entre essas estruturas, discursos e narrativas e os pensamentos mais íntimos que podem levar ao suicídio. Nesse contexto interdisciplinar, é essencial considerar as análises críticas e profundas do filósofo alemão Theodor Adorno, um dos principais representantes da Escola de Frankfurt. Suas obras, como "Mínima Moralía", exploram temas como a alienação, a indústria cultural, a reificação e a racionalidade instrumental que permeiam a vida cotidiana nas sociedades contemporâneas. Aprofundando a compreensão da complexidade das estruturas sociais, Adorno oferece insights valiosos sobre como essas estruturas afetam a psique individual, contribuindo para nossa análise sobre as possíveis influências desses fenômenos no comportamento suicida.

De acordo com Durkheim (2000) os homens se matam em decorrência de algum desgosto ou frustração, porém só isso não explica o aumento nas taxas de suicídio, principalmente entre os jovens de 15 a 29 anos, onde o suicídio aparece como a quarta causa de morte, segundo a pesquisa realizada pela Organização Mundial de Saúde (BRASIL, 2022), mas sim uma combinação de circunstâncias, que na grande maioria das vezes se remete a sua moral ou imagem diante aos demais, como: classe social, divórcio, sexualidade, desemprego, entre outros fatores que geram a frustração, porém, a pressão para haver um encaixe dos indivíduos em determinados grupos considerados corretos e necessários, desencadeia mesmo que inconsciente a sensação de fracasso e perda que são condições que acarretam a depressão e posteriormente o ato suicida. Desse modo, este estudo tem como objetivo principal analisar de que forma as estruturas sociais influenciam os pensamentos suicidas dos sujeitos, explorando as conexões, entre essas estruturas e a saúde mental.

“Uma sociedade pode ser analisada como um sistema de normas, valores, regras que estruturam formas de ação e julgamento em suas aspirações de validade” (Safatle, 2021, p. 07). As estruturas normativas e regras sociais têm a intenção de controlar o comportamento coletivo, mas muitas vezes podem negligenciar a singularidade de cada indivíduo. Essa desconsideração pode acarretar conflitos internos e angústias, que, por sua vez, contribuem para o surgimento de transtornos mentais, incluindo a depressão, que guarda uma relação

intrínseca com o comportamento suicida. Nesse cenário, a pesquisa assume uma missão de profunda relevância, estabelecendo conexões entre a complexidade das estruturas sociais e as narrativas internas do sofrimento humano. A psicologia, especificamente a psicanálise, desempenha um papel vital nessa diligência, oferecendo as ferramentas conceituais necessárias para compreender como as forças externas podem penetrar nas cruzadas do eu.

Diante da sociedade contemporânea, o fenômeno do suicídio emerge como um temasensível e preocupante, onde reflete o desejo de escapar das pressões sociais e emocionais. Este ato desesperado e trágico reverbera em todas as esferas da existência humana, deixando questões preocupantes. Como as estruturas sociais atravessam a subjetividade dos sujeitos? Que estruturas, discursos e narrativas se entrelaçam com os pensamentos mais íntimos? Em última análise, que fatores psicológicos, culturais e ideológicos fornecem informações sobre a escolha do suicídio?

Para que isso fique claro e objetivo, nos primeiros capítulos desse estudo serão apresentados alguns dos modelos de estruturas sociais: o epistemicídio abordado por Lélia Gonzalez como estrutura opressiva, o capitalismo em Karl Marx e sua influência na formação da subjetividade e, por fim, a contribuição de Boaventura de Sousa Santos com o patriarcado e suas normas de gênero. Enquanto análise dos autores mencionados nas estruturas sociais, diante de uma perspectiva psicanalítica será exposto com base em Sigmund Freud e Jacques Lacan qual a repercussão dessas influências na saúde mental.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa tem por finalidade adquirir conhecimentos referentes ao tema proposto, isto é, o papel das estruturas sociais como fator influenciável ao suicídio, podendo contribuir para a realização de novos estudos tanto da ciência quanto para a formação acadêmica. O objetivo desta pesquisa é de caráter exploratório, para melhor relacionar e identificar a ligação dos fenômenos que serão estudados. No que diz respeito a natureza desse estudo ela é de cunho observacional, que segundo de Fontelles, Simões & Farias (2009), no modelo observacional o pesquisador não realiza nenhuma intervenção, atua apenas como expectador desses fenômenos, porém, podendo realizar certos procedimentos de

análise e mediações para a coleta de informações que busca. Logo, o desenvolvimento do tempo se dará de forma transversal.

No que corresponde ao modelo de pesquisa, ou procedimento técnico que será aplicado, este será por análise de materiais bibliográficos de estudos nas áreas da psicologia social e psicologia psicanalítica. Além de artigos relacionados ao tema em questão, foram utilizados os estudos e escritos de Sigmund Freud, Jacques Lacan, Émile Durkheim, Karl Marx entre outros autores que deram sustentação ao formato explicativo a ser compreendido.

Para melhor atender a validação da pesquisa a abordagem correspondente será a qualitativa-descritiva, pois o tema exige a busca por entendimento de determinados fenômenos sociais, além da interpretação deles, a qualitativa é, no entanto, o modelo de base que mais se aproxima da amplitude do estudo a ser desenvolvido. Nas perspectivas do estudo social e da psicologia podemos observar que o suicídio tanto para a psicanálise, quanto para a sociologia tem em comum a influência do coletivo e mesmo apresentadas de formas diferentes resultam sempre na ação do outro, que em coletivo formam o meio social.

A seguir serão expostos as fundamentações teóricas e os materiais com seus respectivos autores, todos estudiosos da sociologia e psicanálise, mais restritamente as influências sociais e o poder dessas na subjetividade do indivíduo, abordando o tema suicídio. As obras foram compostas de artigos, revistas e livros.

3. Modelos de Estruturas Sociais e Impacto no Indivíduo

A teoria psicológica sustenta que os humanos são influenciados por uma variedade de fatores, incluindo fatores sociais, que moldam as suas percepções de si mesmo e do mundo. A falta de emprego e de recursos financeiros pode criar um ciclo de estresse e ansiedade, as dificuldades enfrentadas por uma situação socioeconômica precária podem gerar conflitos internos, como os relacionados à motivação e à autoestima, levando a sentimentos de não pertencimento, que podem desencadear conflitos emocionais profundos. De acordo com Durkheim (1858/1917 p.318) “Antigamente, fazia do nascimento princípio quase exclusivo da classificação social; hoje, mantém como única desigualdade nata a que resulta da riqueza hereditária e do mérito”. Na contemporaneidade, observa-se que a sociedade atribuiu maior ênfase à avaliação e classificação das posições e status individuais com base

no mérito pessoal, no esforço direcionado a novas conquistas e na responsabilização exclusiva do próprio indivíduo por sua condição social.

Além disso, a discriminação com base na raça, gênero, orientação sexual ou outras características podem levar à internalização do estigma e do preconceito. Criando conflitos internos, levando a um estado doloroso, como mostra Baére & Zanello (2020, n.p) “tanto os gays quanto os bissexuais, a ideação suicida sempre esteve presente também em decorrência do desconforto cotidiano nos espaços de socialização”. A discriminação contínua pode prejudicar a saúde mental e criar sentimentos de desamparo e isolamento, causando sofrimento psicológico profundo, levando à depressão e ao risco de suicídio.

É crucial reconhecer que essas estruturas têm implicações profundas em nosso psiquismo humano, moldando nossas opiniões, valores e comportamentos de maneiras muitas vezes sutis, mas significativas.

Quem deve, então, determinar as necessidades "verdadeiras" e "falsas"? A quem cabe diferenciar o que há de autêntico e o que há de alienante no interior da consciência popular? Por acaso, deverá o psicólogo social se converter em "intérprete" das necessidades populares? Problema que não é de fácil solução, nem mesmo para aqueles que, surgidos do próprio povo, se convertem em sua vanguarda política, mas que, ao chegarem nesse lugar, frequentemente, perdem o contato existencial com suas bases e tendem a assumir como voz do povo o que não é mais do que a sua própria voz. (Martín-Baró, 1985/2017, p. 81).

Segundo Martín-Baró (1985/2017) nos lembra, determinar as necessidades autênticas da consciência popular é uma tarefa desafiadora. Mesmo aqueles defensores originados do próprio povo podem, ao ocuparem posições de liderança, inadvertidamente perder o contato existencial com suas bases, ou seja, sem perceber se distanciar de suas experiências e necessidades reais que representaria sua singularidade.

Para além da perspectiva do psicólogo social Martín-Baró, os sociólogos Karl Marx e Émile Durkheim concordaram que as estruturas sociais desempenham um papel importantena sociedade, embora suas abordagens sejam diferentes. “Uma vez que o suicídio é, por seu elemento essencial, um fenômeno social, convém pesquisar qual o lugar que ele ocupa entre os fenômenos sociais” (DURKHEIM, 1917, p. 421) concentrando sua análise nas causas sociais do suicídio, enquanto Karl Marx reflete sua visão em questões éticas e sociais mais amplas, como os

desafios da rápida transformação do mundo moderno, principalmente em decorrência do capitalismo. Segundo Marx (1967, p. 67) “claramente que a classe capitalista não paga e jamais pagará horas extras aos trabalhadores para lhes fazer um agrado ou para permitir que complementem sua renda (em detrimento de sua saúde), mas para explorá-los ainda mais”.

3.1 O Epistemicídio em Lélia Gonzalez como Estrutura Opressiva

Lélia de Almeida Gonzalez nasceu em 1935 e seu falecimento ocorreu em 1994, sendo ela uma mulher negra, desempenhou um papel fundamental na luta pelos direitos das mulheres, dos negros e afrodescendentes, além de ser uma das precursoras dos estudos sobre questões raciais no Brasil, sendo uma importante contribuinte para o pensamento social Brasileiro. O destaque para sua etnia racial faz-se necessário nesta apresentação, para melhor compreender como as estruturas sociais estão relacionadas à construção dos sujeitos.

A vida de Lélia Gonzalez ilustra de maneira vívida os efeitos nefastos do racismo estrutural enraizado na sociedade brasileira. Ela passou por um processo de negação de sua origem e identidade, resultando na não acessibilidade de sua história pessoal e cultural por um período em sua vida. Esse processo de negação é uma manifestação clara do epistemicídio, onde as construções sociais e históricas levam os indivíduos a negarem suaprópria identidade e cultura.

[...] leva-se em conta que os diversos tipos e graus da patologia psíquica dependem justa e diretamente dos tipos e graus de defesa que o ego utiliza para a negação do sofrimento mental. Como exemplo de “menos conhecimento” pode servir o “ataque às verdades” que comumente é empregado pela “parte psicótica da personalidade”, de sorte que nos casos mais exagerados o sujeito constrói a sua própria verdade, que contraria as leis da lógica e da natureza, e que a todo custo quer impô-la aos outros, como se fosse a verdade definitiva. (ZIMERMAN, 2007. p.165)

Essas reflexões nos levam a conectar os anseios individuais aos impactos das imposições coloniais. Os indivíduos estão sujeitos a internalizar padrões com os quais não se identificam, contribuindo para a exclusão social. Nesse sentido, o epistemicídio não é apenas uma negação do conhecimento, mas um sequestro da própria racionalidade, um processo que aprisiona a capacidade de aprender e evoluir.

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indignidade cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento "legítimo" ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. (Carneiro, 2005, p.97)

A teoria do epistemicídio lança luz sobre a anulação dos conhecimentos sociais e culturais historicamente construídos por grupos marginalizados, contribuindo para a exclusão social desses grupos, no âmbito coletivo e individual, levando à alienação e ao adoecimento psíquico.

3.2 O Capitalismo em Karl Marx e sua Influência na Saúde Mental

O capitalismo também desempenha um papel importante nas estruturas sociais, explorando a alienação dos trabalhadores e gerando pressão social, isolamento e competição excessiva, afetando a capacidade de saúde mental e emocional do indivíduo. Karl Marx, em sua obra "O Capital," delineia de forma esclarecedora o funcionamento do sistema capitalista e suas implicações na experiência humana. A perda de autonomia, estranhamento e a falta de realização humana são desafios enfrentados por aqueles inseridos nesse sistema.

Se os operários "compreenderam" tão facilmente O capital, é porque este fala, em termos científicos, da realidade cotidiana com a qual eles lidam: a exploração de questão objeto por conta do sistema capitalista. É por isso que O capital se tornou tão rapidamente, como disse Engels em 1886, a "Bíblia" do movimento operário internacional. Por outro lado, se os especialistas em história, economia política, sociologia, psicologia etc. tiveram e ainda têm tanta dificuldade para "compreender" O capital, é porque estão submetidos à ideologia dominante (a da classe dominante), que intervém diretamente em sua prática "científica" para falsear seu objeto, sua teoria e seus métodos. (Marx, 1867/2013, p.58)

Além da significativa contribuição de Marx por meio de suas obras que abordam exemplos de estruturas sociais, é importante ressaltar que ele antecipou a temática do suicídio antes mesmo de Émile Durkheim publicar "O Suicídio" em

1858/1917. Marx escreveu um ensaio intitulado "Peuchet: sobre o suicídio" ("Peuchet: vom Selbstmord", *Gesellschaftsspiegel*, ano II, n. VII, Elberfeldt, janeiro de 1846). Essa obra pioneira foi posteriormente traduzida para o português por Rubens Enderle e Francisco Fontanella em 2006 e publicada pela Boitempo Editorial. Esse ensaio de Marx sobre o suicídio demonstra sua atenção precoce e perspicaz para questões sociais complexas, incluindo aquelas relacionadas à saúde mental e às interações entre indivíduos e sociedade. Além disso, o trabalho de Marx sobre o tema, anterior ao de Durkheim, realça a relevância de sua análise crítica das estruturas sociais e das condições que influenciam o comportamento humano.

O número anual dos suicídios, aquele que entre nós é tido como uma média normal e periódica, deve ser considerado um sintoma da organização deficiente de nossa sociedade; pois, na época da paralisação e das crises da indústria, em temporadas de encarecimento dos meios de vida e de invernos rigorosos, esse sintoma é sempre mais evidente e assume um caráter epidêmico. (Marx, 2006, p. 23)

3.3 O Patriarcado e suas Consequências na SaúdeMental

Santos (2011) em sua teoria crítica refere o patriarcado como molde das relações de poder, as normas sociais e a divisão sexual do trabalho, as normas sociais e as expectativas de gênero, nesse sentido as relações patriarcais podem ter consequências negativas para o bem-estar psicológico das pessoas, sobretudo para as mulheres, contribuindo para seu adoecimento psíquico, como o desenvolvimento de ansiedade, depressão, melancolia, dentre outras. No contexto do capitalismo Santos argumenta que a moral muitas vezes é influenciada pela lógica do mercado e de valores individualistas, pois essa dinâmica gera pressões sociais, isolamento e competição excessiva, além de uma cultura de desigualdades, que afetam negativamente a saúde mental e emocional do sujeito.

4. Fatores Sociais Agravantes da Depressão e Suicídio

O meio em que as pessoas estão inseridas é denominado sociedade, esse constructo se deu a partir da agremiação de pessoas que compartilhavam de um espaço em comum, para tornar essa aglomeração organizada, passível da convivência coletiva, as normas e regras sociais foram surgindo e ganhando força para controlar as pessoas coletivamente causando a quebra de identidade. "Em uma

perspectiva funcional, as normas se desenvolvem para encorajar ou restringir comportamentos relacionados ao desenvolvimento do grupo (Sherif, 1936 apud Cialdini e Trost, 1998).” Essas normas se transformam com o passar dos anos, no entanto, não deixam de existir. Esse modelo de organizar a sociedade vai adaptando as estruturas e padronizando comportamentos de forma generalizada negligenciando a subjetividade de cada indivíduo.

Theodor Adorno, renomado filósofo e sociólogo, destacou essa interconexão entre as estruturas sociais e a psicologia humana. Ele nos lembra de que, mesmo quando não estamos conscientes disso, estamos imersos em sistemas sociais que influenciam nossas perspectivas e ações. Por exemplo, o sistema educacional molda as ideias sobre conhecimento e sucesso desde nossa pouca idade, enquanto as estruturas econômicas afetam as oportunidades e aspirações de carreira. Adorno bem dizia:

Os bons sentimentos, quando expressam o geral sem se preocupar com a própria alienação, facilmente fazem que o sujeito surja como alienado de si mesmo, como simples agente dos mandamentos com que se identifica. Pelo contrário, aquele cujo impulso moral obedece ao inteiramente exterior, à convenção feiticizada, consegue captar o geral no sofrimento derivado da insuperável divergência entre o interno e o externo, em cuja rigidez encontra apoio, sem o sacrifício de si mesmo e da verdade da sua experiência. (Adorno, 1951, p. 172).

O autor argumenta que quando os bons sentimentos e valores são expressos de forma acrítica, sem uma análise das estruturas sociais subjacentes, os indivíduos podem acabar se alienando de si mesmos. Isso ocorre quando adotamos, de maneira acrítica, os valores e princípios da sociedade, sem questionar ou refletir sobre sua própria experiência e identidade. Nesse contexto, a pessoa se torna um mero agente dos valores sociais impostos, perdendo seu reconhecimento.

Conforme a obra Marxista, o trabalho no capitalismo é alienante, pois os trabalhadores não têm acesso ao que produzem, assim sendo, não se veem no fruto de seu trabalho, logo, nessa dinâmica capitalista, em que o crescimento do capital é posto em detrimento do social, o indivíduo é atravessado por um pensamento individualista, em que se põe como rival de seus pares no processo de crescimento econômico gerando contradições e angústias que contribuem para seu isolamento social. “o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão” (Marx, 1844, p.80). O

capitalismo explora esse processo e suas consequências como forma de expansão de capital, enquanto o indivíduo sofre a perda de sua autonomia, estranhamento e a falta de realização humana.

Karl Marx observa que os obstáculos enfrentados nas relações dessas estruturas, como doenças, relações interpessoais desgastantes e frustrações pessoais, podem se transformar em motivações para a autodestruição.

As doenças debilitantes, contra as quais a atual ciência é inócua e insuficiente, as falsas amizades, os amores traídos, os acessos de desânimo, os sofrimentos familiares, as rivalidades sufocantes, o desgosto de uma vida monótona, um entusiasmo frustrado e reprimido são muito seguramente razões de suicídio para pessoas de um meio social mais abastado, e até o próprio amor à vida, essa força enérgica que impulsiona a personalidade, é frequentemente capaz de levar uma pessoa a livrar-se de uma existência detestável. (Marx, 2006, p. 24-25)

Segundo Torres, Neiva (2011) às normas sociais podem ser entendidas nos termos de que uma pessoa supostamente deve fazer em uma determinada situação por causa de sua posição/status social. Diante desses atravessamentos por expectativas do outro que projeta regras e padrões que adveio de outro e assim sucessivamente, quando não há respostas para essas expectativas ou até mesmo identificação com esses padrões ocorre então a frustração pelas pressões sofridas, pelo sentimento de não pertencimento ou até mesmo a desonra de não ser o que se é esperado.

5. Contribuições da Psicanálise e Sociologia na Análise Social

Freud em “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” (1920/1969), relata a ação do outro como ponto inicial para despertar a melancolia na jovem, que age em decorrência da ação do outro, nesse caso o olhar de desaprovação expressado por seu pai, juntamente com o rompimento por parte de sua parceira, através de estímulos do inconsciente, chamado no conceito Freudiano de pulsão que seria o representante psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo, a jovem arremete-se contra um muro, na tentativa de suicídio.

A jovem não se preocupava quanto a aparecer acompanhada da dama em ruas frequentadas de sua cidade. Certo dia, em companhia da dama, o pai passa pela mesma rua, o que não era evitado pela jovem, com olhar expressando ira. Da mesma forma, a dama se enraivece com a situação e

rompe o caso que se dava entre as duas. (FREUD 1920/1969, p. 160).

Lacan faz duas distinções sobre a narração da angústia, “o mundo, o lugar onde o real se comprime, e, do outro lado, a cena do Outro, onde o homem como sujeito tem de se constituir, tem de assumir um lugar como portador da fala,” (LACAN 1963-1960, P. 130), pode aqui ser observado que na teoria Lacaniana o mundo é um espaço de regras e limitações, mesmo quando se assume o lugar de fala, é preciso estar adequado ao bom-mocismo, ou seja, ao que é considerado socialmente aceitável ou correto, muitas vezes para evitar o confronto ou a desaprovação da sociedade. Essa conformidade excessiva com as normas sociais pode ser sufocante e limitar a autenticidade e a liberdade do sujeito para se expressar verdadeiramente. Pouco se profere o impacto da relação entre a ação do indivíduo e o meio social, como desencadeante de transtornos psíquicos, que levam ao suicídio. Porém, mesmo que comumente esse tema seja trabalhado em seus recortes substanciados, sempre haverá lacunas nas causas desse fenômeno, chamado por Freud de autodestruição, já Lacan chama de passagem ao ato.

Nessa perspectiva podemos observar que o suicídio, tanto para a psicanálise quanto para a sociologia, tem em comum a influência do coletivo, apesar de Freud considerar o suicida como aquele egoísta, ou seja, a relação do Eu e seus objetos e Durkheim considerar como fato social, as pesquisas desses teóricos são condizentes, em relação á participação do outro, contudo as conclusões tomadas serem em aspectos diversos, é importante salientar que a ação do meio se encontra em ambos os estudos.

Quando consciência, em vez de permanecer isoladas umas das outras, se agrupam e se combinam, há alguma coisa que muda no mundo. Portanto, é natural que essa mudança produza outras, que essa novidade engendre outras novidades, que apareçam fenômenos cujas propriedades características não se encontrem nos elementos de que eles se compõem. (DURKHEIM. 2000 p, 400).

Segundo o autor pensamentos coletivos são formadores da sociedade, dentro da sociedade, existem a divisão de grupos com pensamentos distintos, a subjetividade do indivíduo se altera no decorrer de sua formação, no entanto adaptar-se ao meio pode ser uma dificuldade perante seus enfrentamentos, as lacunas existentes na compreensão do que levaria ao suicídio, se dá pelo mistério existente na problemática de quem enfrenta essa angústia, que advêm da pressão

social, formada por padrões, exigências, julgamentos, rejeições dentre outros fatores que tendem a se expandir sobre o comportamento do indivíduo, que pode não se encontrar nesses modelos oferecidos, vindo a adoecer mentalmente.

6. CONCLUSÕES

Ao longo deste estudo, exploramos a intrincada relação entre as estruturas sociais e as ocorrências do suicídio. Desse modo, fica cada vez mais claro que as estruturas sociais exercem uma influência profunda e muitas vezes imperceptível sobre a saúde mental dos indivíduos, desempenhando um papel fundamental na formação de trajetórias emocionais que podem levar a depressão e culminar em mentes autodestrutivas.

A interseção entre a psicanálise e a sociologia ofereceu uma perspectiva única para compreender como essas influências sociais permeiam a subjetividade dos sujeitos, conectando as estruturas sociais, os discursos, as narrativas e os pensamentos mais íntimos que podem levar ao suicídio. Autores como Sigmund Freud, Jacques Lacan, Karl Marx, Émile Durkheim e Boaventura de Sousa Santos desenvolvem com suas visões e teorias para ampliar nosso entendimento desse complexo fenômeno. É fundamental considerar que as estruturas sociais não são entidades abstratas; elas moldam nossa identidade, influenciam nossos comportamentos e características para nossa saúde mental. A pressão para se enquadrar em determinados padrões considerados “corretos” e “necessários” pode gerar sentimentos de fracasso, perda e isolamento, que são condições propícias ao desenvolvimento da depressão e, em última instância, do suicídio.

Este estudo, embora abrangente, confirma que ainda existem lacunas na compreensão dessas características complexas. Portanto, sugere-se que futuras pesquisas explorem áreas como a influência das estruturas sociais em diferentes grupos demográficos e culturais, bem como estratégias mais eficazes de intervenção e apoio às pessoas que enfrentam desafios emocionais relacionados às pressões sociais. Na última análise, este trabalho reforça a importância de adotar uma abordagem holística e empática em relação à saúde mental, reconhecendo que cada indivíduo é único e que as estruturas sociais desempenham um papel significativo em nossas vidas. Ao fazê-lo, podemos trabalhar juntos para criar uma sociedade mais abrangente, inclusiva e solidária, onde a prevenção do suicídio seja

uma preocupação constante e a saúde mental de todos seja valorizada e priorizada.

7. REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Anualmente, mais de 700 mil pessoas cometem suicídio, segundo OMS. Brasília, 16 set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de-700-mil-pessoas-cometem-suicidio-segundo-oms>. Acesso em: 17 set. 2023.

BRUNHARI, M. C.; DARRIBA, V. A. **O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato**. Psicologia Clínica, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 197-213, jun. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-56652014000100013>.

BAÉRE, Felipe de; ZANELLO, Valeska. SUICÍDIO E MASCULINIDADES: Uma análise por meio do gênero e das sexualidades. Psicologia em Estudo, Maringá, maio 2020.

Universidade Estadual de Maringá.

<http://dx.doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44147>.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc-3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 17 set. 2023.

DURKHEIN, E. **O suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 1858-1917. 513 p.

FREUD, S. (1969). **A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher**. In

S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.

XVIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

GONZALEZ, Lélia. **Epistemicídio, Saberes Mortos e Oprimidos**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2018.

LACAN, J. **O seminário a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005, 1901-1981. 185p.

LÖWY, M. Um Marx insólito. In: MARX, K. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARTÍN-BARÓ, I. **O desafio popular à psicologia social na América Latina**. In: LACERDA JR., F. (Org.). Crítica e liberação na psicologia: Estudos psicossociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. pp. [Obra original publicada em 1987].

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri.

São Paulo:Boitempo Editorial, 2010.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política** - Livro 1, Volume 1. BoitempoEditorial, 2008.

SAFLATE, Vladimir. **Patologias do social: Arqueologias do sofrimento psíquico**. 1. ed. BeloHorizonte: Autêntica, 2021.SANTOS, Boaventura de Sousa.

Descolonizar o saber e o poder. Outras palavras, SãoPaulo, [S.P], 18 jul. 2019. Disponível em:

<https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/descolonizar-o-saber-e-o-poder/>. Acesso em: 21maio 2023.

TORRES, Cláudio Vaz; NEIVA, Elaine rabelo (org.). **Psicologia social: principais temas evertentes**. [S. l.: s. n.], 2011. ISBN 9788536325514.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos. Teoria Técnica e clínica**. Artmed, Porto Alegre, 2007. Disponível em:<https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Zimerman-Fundamtnos-psicanaliticos.pdf> .Acesso em: 17 Setembro 2023.